

# O CORPO COMO DESTINO PULSIONAL: SUBLIMAÇÃO E MARCAS CORPORAIS\*

---

*Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira*

Bacharel e psicólogo pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, onde cursa Pós-Graduação (mestrado) em Psicologia Social. Membro do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise e do Laboratório de Epistemologia Genética. Bolsista CAPES de mestrado.  
E-mail: luizevm@gmail.com

*Nelson da Silva Junior\*\**

Psicanalista, doutor pela Universidade Paris VII, professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP, professor do curso Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.  
E-mail: nesj@terra.com.br

*Daniele Silva Caitano*

Aluna do 2º ano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Laboratório de Epistemologia Genética e Reabilitação Social na pesquisa internacional *Marcas corporais auto-infligidas à luz do laço social contemporâneo* (PST-IP-USP e Rennes 2, França).  
E-mail: danielescaitano@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo pretende discutir uma possível relação entre marcas corporais e sublimação. Para tanto, apresentamos em primeiro lugar uma retomada da discussão psicanalítica sobre o tema das marcas corporais e sobre o tema da sublimação. Em seguida, apresentamos material coletado a partir de entrevistas para ilustrar a natureza radicalmente relativa dos processos sublimatórios e sua relação com a alteridade.

**Palavras-chave:** marcas corporais; sublimação; corpo; psicanálise.

---

\* Este artigo é resultado de um projeto de iniciação científica, com financiamento PIBIC-USP, realizado no âmbito do projeto de pesquisa de cooperação internacional Brasil-França intitulado *Marcas corporais auto-infligidas (tatuagens, piercings e escarificações) à luz do laço social contemporâneo*, financiado pelo programa CAPES/Cofecub. O projeto internacional envolvia a realização de entrevistas com portadores de marcas corporais. Mais adiante, apresentaremos uma das entrevistas feitas.

\*\* Autor dos livros *Le fictionnel en psychanalyse. Une étude à partir de l'œuvre de Fernando Pessoa* (Villeneuve d'Asq, Presses Universitaires du Septentrion, 2000) e *Linguagens e Pensamento. A lógica na razão e na desrazão* (São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007).

**Abstract:** This paper aims to discuss a possible relationship between body marks and sublimation. To do that, first we present an account of the psychoanalytic discussion of body marks and of sublimation. Then we present material collected from interviews to illustrate the radically relative nature of the sublimating processes and its relation to otherness.

**Keywords:** body marks; sublimation; body; psychoanalysis.

## Introdução

Uma das leituras psicanalíticas possíveis sobre a contemporaneidade constata a substituição do investimento objetal pela idealização do objeto (SILVA JR., 2006). O corpo também é apanhado por essa dinâmica: não à toa vivemos um culto ao corpo, sinalizado, de um lado, pela proliferação de academias de ginástica e musculação, de produtos cosméticos milagrosos, de prescrições rígidas em torno do “saudável” e de técnicas cirúrgicas estéticas e, por outro, pelo aumento de casos de patologias ligadas à representação corporal, como a anorexia e a bulimia (FERNANDES, 2003). Nesse campo das “técnicas do corpo” (MAUSS, 1935), é patente também o aumento de casos de manipulação corporal, cujo espectro abrange desde tatuagens, escarificações e *piercings* até encenações mais complexas de intervenções artísticas e *body art*. Ao mesmo tempo em que é idealizado, parece que o corpo tem se tornado cada vez mais um destino pulsional. Nesse sentido, nosso objetivo aqui é desenvolver possíveis relações entre as marcas corporais e a sublimação a partir das hipóteses de que: 1) a sublimação possui uma natureza radicalmente relativa: sublimar seria, nesse caso, sublimar em relação a alguma forma de satisfação pulsional anterior, e 2) no processo sublimatório há uma progressiva inclusão de estruturas de alteridade no circuito de satisfação pulsional. As marcas corporais seriam, assim, um exemplo de destino pulsional sublimatório em que pode haver uma progressiva simbolização e inclui progressivamente o sujeito no social.

## Marcas corporais e psicanálise

Em uma época marcada pela bulimia das imagens do corpo (MILLER, apud SILVA JR., DOUCET, GASPARD, CARVALHO & GOMES, 2009), a presença do corpo revestido de acessórios fantasmáticos oferece aos indivíduos uma imagem identificatória totalizante. A relação de identificação com essa imagem – idealizada e controlada – leva ao exacerbamento daquilo que Mauss (1935/2003) chamou

de *técnicas do corpo*. A busca da singularidade do corpo encontra ressonância nas práticas de tatuagem, escarificação e, no limite, na *body art* (SILVA JR, DOUCET, GASPARD, CARVALHO & GOMES, 2009).

O corpo é oferecido, então, como medida do laço social. Isto pode ser explicitamente percebido na “comunidade *mod*”, à qual pertencem os praticantes de modificações e manipulações corporais (*piercings*, tatuagens, escarificações, implantes, *brandings*, etc.) (LÍRIO, 2007). O elemento central para a comunidade *mod* é o corpo: em suas mais variadas manifestações (biológico, erógeno, representacional), ele é simultaneamente objeto de intervenção, de identidade e de uma cultura. Tanto Lírio quanto Le Breton (1999/2003) apontam a dupla origem desse atual movimento *mod*. Por um lado, o surgimento dos *modern primitives* e, por outro, o movimento *punk* da década de 70.

Os *modern primitives* têm sua origem na costa oeste estadunidense, com as figuras de Fakir Musafar e Jim Ward. Este abre a primeira loja de *piercings* e logo alcança imenso sucesso. As ideias de Musafar são algo mais complexas, envolvendo uma mitologia de resgate do primitivismo e do tribalismo. Enquanto Le Breton não desenvolve as nuances da contradição inerente ao movimento idealizado por Musafar, apenas mencionando-as, Lírio é mais direto: há a presença de um “discurso contrário à alienação, à reificação e à massificação típicas da modernidade; em favor da espiritualidade, da transcendência e da espontaneidade; simultaneamente à manutenção de valores modernos como a individualidade, a posse, o sucesso e o entretenimento”, além dos fatores de “competitividade, a singularidade, a beleza, a dor e, principalmente, a liberdade” (LÍRIO, 2007). A busca pela espiritualidade e pelos estados alterados de consciência acabam por se encontrar com o “divirta-se”, numa contradição tipicamente moderna.

A cultura *punk*, segundo Le Breton (1999/2003), surge como uma reação à sociedade londrina e britânica. Sua fórmula pode ser assim resumida: o ódio social transforma-se em ódio ao corpo, traspassado com alfinetes, cruzeiros e outros objetos, simbolizando uma relação forçada com o outro – relação esta que, vamos além, achamos sempre forçada e simultaneamente necessária. De contestação social e ódio ao próprio corpo, a cultura *punk* é engolida pelo consumo e transformada em estilo, da mesma maneira que os *piercings* de Ward ultrapassam os círculos de sadomasoquismo, do fetichismo e do *punk* e são vendidos em todos os Estados Unidos e na Europa.

Ao mesmo tempo em que podemos datar as origens da atual cultura *mod* nos fatos descritos acima, as tatuagens e marcas corporais são conhecidas há tempos por diferentes sociedades. Como afirma Reisfeld (2005), suas funções foram múltiplas: sinal

de realeza, devoção religiosa, ritos de passagem da juventude para a condição adulta, distinção de clãs, mostra de valor pessoal ou virilidade, estímulo sexual, talismã, ritos funerários, mostra de amor, identificação de escravos, marginais e condenados, para fins curativos ou preventivos. Sempre há, por trás dessas concepções, um imaginário em torno do corpo – mesmo que seja para apagá-lo, como na Idade Média – e das práticas e saberes que o instituem. Atualmente, numa cultura de consumo, o corpo torna-se mais um dentre tantos objetos a ser desejado, trabalhado, produzido e, além de tudo, gozado. Como aponta Lírio (2007), são bastante lúcidas as críticas feitas por alguns membros da comunidade *mod* às ideias de Musafar que pretendem simular a sacralidade da suspensão corporal (reatualizando um rito indígena norte-americano), independentemente de onde aconteça e do contexto social dos que a praticam.

Costa (2003) trabalha a tatuagem e as outras marcas corporais a partir da reatualização do sagrado. Sua argumentação percorre uma linha que traça uma história do tabu do corpo e do feminino, colocando os fenômenos em questão como uma reatualização de mecanismos sacrificiais primitivos que visam dar conta dos excessos. Interessa-nos a menção feita pela autora à noção de sublimação como sendo resultante de uma divisão (*Spaltung*) constitutiva do sujeito, alienado por natureza. A sublimação seria o transporte para a cultura de algo impossível de ser representado individualmente.

Cabe ainda apresentar algumas considerações feitas por Jeudy (1998/2002) com relação às marcas corporais. Ele faz uma distinção importante entre tatuagens e escarificações, que se colocam como um desafio ao olhar do Outro, e as cicatrizes, que seriam um sinal de degradação física. Ele afirma, em seguida, que, por se tornar um sinal pessoal de maneira súbita, “é preciso que o olhar do Outro não seja de reprovação”. As marcas, voluntárias e involuntárias, inauguram sempre um circuito do olhar do outro, que percorrem o corpo simbolizado do sujeito. A função de laço social assumida pelas marcas corporais fica clara quando Jeudy afirma que elas são a afirmação de um coletivo naquilo que de mais individual existe. A partir do caráter coletivo que estas implicam, nossa intensão é de avançar algumas hipóteses entre as marcas corporais e a sublimação.

### **A sublimação: uma retomada do conceito**

Laplanche & Pontalis (1967/2007) definem a sublimação como uma proposta freudiana de processo que visa dar conta (econômica e dinamicamente) de uma

atividade humana que, a princípio, não teria relação com a sexualidade, mas teria nela sua fonte e seriam socialmente valorizadas, referindo-se mais diretamente à criação artística e atividade intelectual. Este conceito (aliás, seria controverso chamá-lo assim: de Mijolla-Mellor (2005) chama-o de processo, Laplanche (1989) de índice e França Neto (2007) de campo) ocupa um lugar peculiar no interior da obra freudiana, atravessando quase sua totalidade e sendo repensado nas sucessivas alterações propostas por Freud, encontrando uma problemática fundamental a partir da ideia de pulsão de morte (segunda teoria pulsional), junto com sua segunda tópica (eu, supereu e isso). Conceito fundamental para o pensamento freudiano sobre a cultura e a civilização, é sucessivamente repensado, embora pouco detalhado: o fato de que o escrito metapsicológico destinado à sublimação nunca tenha sido encontrado é conhecido pela historiografia da psicanálise e mencionado, de maneira anedótica, por diversos autores (LAPLANCHE, 1989; FRANÇA NETO, 2007; CRUXÊN, 2004; METZGER, 2008; DE MIJOLLA-MELLOR, 2005).

Esses mesmos interlocutores fazem referência à polissemia de que a palavra “sublimação” vem carregada: podemos encontrar suas raízes na química (passagem do estado sólido para o gasoso, diretamente); na alquimia (transformação de metal comum em ouro – a pedra filosofal); na moral (elevação à maior perfeição) e na história da estética (a oposição entre o belo e o sublime nas artes). Freud prefere a palavra alemã *Sublimierung* à *Sublimation*, que deixa para a química. Ao mesmo tempo, não utiliza o termo alemão *Aufhebung*, carregado de positividade na filosofia de Hegel. De fato, todas as raízes e imagens evocadas pela ideia de sublimação não ajudam seu pouco desenvolvimento metapsicológico pelo próprio Freud. Essa grande lacuna metapsicológica no edifício teórico freudiano dá poucas respostas e traz um importante debate sobre a teoria psicanalítica, desprendendo a sublimação de certa ortodoxia psicanalítica. Por conta disso, existem diferentes propostas teóricas envolvendo a noção de sublimação, propondo explicações e articulações por vezes contraditórias.

Kupermann (2005) salienta as possibilidades criativas da sublimação, referindo-se à aproximação feita por Freud entre sublimação e brincadeiras de crianças – cujo oposto não seria, necessariamente, o sério. Ao usar o exemplo das brincadeiras e do humor, tira a noção de sublimação do cerco fechado de sua referência a atividades ditas “nobres”, como a pesquisa científica e a arte.

Para de Mijolla-Mellor (2005), três ideias devem ser tomadas da noção de sublimação: uma operação que implica uma mudança qualitativa profunda; o trabalho do negativo como barragem contra o movimento espontâneo da pulsão; a ideia romântica do ultrapassamento de si mesmo.

De fato, o papel que esta noção ocupa é central: pode ser compreendida como uma dobradiça – assim como a pulsão é entre o biológico e a vida mental – entre a vida pulsional individual e a vida cultural, social, coletiva. Por outro lado, para de Mijolla-Mellor, a civilização, resultado do processo sublimatório, também impõe ao indivíduo a necessidade de sublimar – o que ela chama de artimanhas (*ruses*) da civilização.

Laplanche (1989) chega a chamá-la de “cruz da psicanálise”, mais citado e comentado do que propriamente desenvolvido. Para ele, são elementos fundamentais dessa definição: a questão do sexual *versus* não sexual; a própria noção de pulsão e energia libidinal; a questão da dessexualização; a questão da valorização social, que traria consigo, além da metapsicologia, uma teoria de valores.

Como conceito ligado ao social, é claro que está aberto à valorização social – uma vez que permite, aos olhos daquele que sublima, aceder a uma imagem socialmente valorizada a seus próprios olhos. Acreditamos que um dos elementos fundamentais da definição de sublimação, qual seja, a dessexualização da pulsão, implica que este é um destino muito mais frequente na economia libidinal, indo muito além da produção de arte e chegando a um cotidiano de pequenas coisas, como o trabalho – ou nas marcas corporais.

Carvalho (2006), no entanto, citando Sarah Koffman, afirma que devemos pensar a sublimação como um conceito apenas metapsicológico, e não moral. Retoma também três definições de criatividade, entendida como um resultado da sublimação: apaziguamento psíquico; forma de inscrição subjetiva, numa inspiração mais laciana, dado que não se opõe necessariamente à formação de sintomas, como no primeiro caso; formação de laço social, dado que significa o compartilhamento de uma experiência que, de outro modo, continuaria sendo subjetiva.

A leitura de Freud (1923/1974) aponta outro caminho: a sublimação resultaria em uma des fusão pulsional, acarretando a liberação de pulsões agressivas que poderiam colocar o eu em perigo e mesmo destruí-lo – para Carvalho (2006), o contato com essa fonte de perigo é fundamental para o processo criativo. A sublimação, não obstante, é tratada por Freud como um dos pilares da civilização (FREUD, 1927/1974) e produtora da cultura. A conclusão lógica, segundo Silva Jr. (2003), seria a de que a

desfusão pulsional é um efeito incontornável do processo cultural humano. Este efeito incontornável sofreria, segundo o autor, uma multiplicação exponencial na cultura do consumo, onde os investimentos identificatórios tendem a substituir os investimentos objetais na satisfação pulsional. Paradoxalmente, quanto mais cultura, mais pulsão de morte haveria em nossa própria cultura. Essa problemática teria alcances subjetivos, claro. Desses alcances ocupa-se Carvalho (2003) ao tratar da problemática dos escritores suicidas. Algumas de suas formulações com relação à escrita, acreditamos, podem ser transpostas para o fenômeno das marcas corporais: a ideia de *phármakon*, algo que é em si mesmo remédio e veneno, ou seja, algo que é intrinsecamente nem bom, nem mau; a noção de escrita autobiográfica como a construção de uma organização e uma narrativa que dê conta de sofrimento psíquico (afirma Lírio (2007) que muitas vezes a prática de suspensões corporais visa dar conta de certas formas de angústia).

De todo modo, alguns índices das problemáticas concernentes à sublimação são comuns aos três autores: a noção de mudança de objeto e de mudança de meta pulsionais (também discutido por de Mijolla-Mellor, 2005), a questão da dessexualização, a problemática da introdução da ideia de pulsão de morte e da desfusão pulsional, a relação da sublimação com mecanismos de defesa, com as formações reativas e com o recalque (este também trabalhado por Carvalho, 2003) e, também, a relação de sublimação com simbolização.

A síntese nos é dada por Metzger (2008): “se a sublimação comporta efetivamente um aspecto benéfico e vivificante para o indivíduo, através da atividade criativa e investigativa, pois promove a satisfação pulsional (ainda que de maneira indireta), por outro lado, a sublimação implica riscos para aqueles que recorrem a este destino da pulsão. Esses riscos são ligados principalmente à desfusão pulsional e à pulsão de morte que restará, então, no interior do indivíduo na forma desligada, possivelmente mantendo um potencial destrutivo voltado para dentro do indivíduo”.

Para a articulação com o fenômeno das marcas corporais, no entanto, acreditamos que podemos encontrar uma interlocução produtiva com outras formulações de de Mijolla-Mellor (2009). Segundo a autora, pode-se dizer que existe na sublimação uma (re)construção do eu pelo eu, a partir de uma negociação com a instância do supereu, dando origem a uma nova relação baseada, para o eu, em uma imagem que lhe parece ser mais socialmente valorizada. Acreditamos poder dizer que essa relação

se dá principalmente com o ideal de eu. A ideia de reconstrução permanente do eu pelo próprio eu possui, a nosso ver, grande potencial heurístico para a compreensão dos fenômenos das marcas corporais.

Por fim, é a partir da noção proposta por essa mesma autora de “sacrifício auto-sublimatório”<sup>1</sup> que pretendemos fazer a articulação final entre identidade e marcas corporais. Sacrifício é etimologicamente derivado de “tornar sagrado”<sup>2</sup>. Segundo a autora, essa noção implica a articulação – e implicaria também a coincidência, no caso da sublimação – entre três elementos: *sacrifié*, *sacrifiant* e *sacrificateur*. Sem tradução direta possível, esses termos distinguiriam três posições assumidas em um sacrifício: aquilo ou aquele que é sacrificado, aquele que executa o sacrifício e aquele que encomenda o sacrifício. Para a autora, há, nesse processo, a eleição de um objeto ou decisão. A certeza dessa decisão não implica perda, mas destruição ou abandono, cujo alto preço o sujeito aceita pagar sem lamento e com prazer. A dimensão narcísica da sublimação (também mencionada por Metzger (2008) ao tratar da sublimação no complexo de Édipo) torna-se evidente, com o eu oferecendo-se ao supereu como uma imagem que não é, mas poderia ser. Eis aí a dimensão de reconstrução do eu pelo próprio eu com a criação de uma imagem socialmente valorizada aos olhos do supereu.

No material coletado a partir das entrevistas realizadas com pessoas que realizaram marcas corporais, fica patente a ideia de reconstrução ou reorganização da identidade operada pelas marcas corporais na imagem que o sujeito faz dele mesmo. Apresentamos, a seguir, o material obtido a partir de uma das entrevistas. A nosso ver, ele ilustra de maneira instigante o caráter relativo do processo sublimatório e como ele pode dar conta da instauração de um circuito pulsional que inclua a alteridade.

### A entrevista

Beatriz é estudante universitária de 25 anos e professora de inglês para crianças. O primeiro ponto que chama nossa atenção é o tipo de resposta dada quando perguntada sobre o número de *piercings*, tautagens e escarificações em seu corpo: “não sei”.

1 Noção esta apresentada no curso de pós-graduação “Sublimação e Processos Culturais”, ministrado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Sophie de Mijolla-Mellor no Instituto de Psicologia da USP em novembro de 2006.

2 A princípio, poderíamos tentar uma aproximação entre essa noção e a proposta de análise das marcas corporais feitas por Costa (2003) a partir do sagrado. Entendemos, no entanto, que Costa segue um caminho sócio-histórico da constituição do corpo enquanto, para de Mijolla-Mellor, o que está em jogo é um modelo elucidativo da dinâmica metapsicológica envolvida nas marcas corporais.



Das tatuagens, diz que possui três “mais queridas”, e outras de um “passado nebuloso”. Oito *piercings*, o primeiro foi feito aos 15 anos. Por volta dos 17, começa a se cortar – mostra que possui os braços todos marcados – em uma crise de choro. Segundo ela mesma, vai “melhorando a técnica”: passa de cacos de vidro para lâminas de gilete. Sua família intervém e ela vai morar com o pai para não ser internada pela mãe.

Com a presença do pai, para de se cortar. Aqui seu relato sobre as tatuagens torna-se confuso: segundo ela, entre parar de se cortar e realizar a primeira tatuagem passa-se mais de um ano. No entanto, ela mesma diz que não morou tanto tempo assim com seu pai, de cuja casa fugiu para voltar para São Paulo e morar com um namorado. Para selar seu compromisso, tatua o nome dele – “a tipografia foi escolhida pelo Word”. Sua próxima tatuagem é desenhada por ela mesma e significa, com pássaros – andorinhas –, sua volta para casa. A terceira tatuagem é um coração de vodu, desenho retirado de um livro de histórias infantis do qual ela gosta particularmente. Representação curiosa: é o coração de uma personagem que, quando alguém dela se aproxima e por ela se apaixona, é perfurado cada vez mais fundo por alfinetes: a garota vodu.

De maneira geral, percorre-se um grande arco: em um primeiro momento, foram as escarificações, cuja forma não representa, em si, nada – ainda que ela se envergonhe de suas cicatrizes e preocupe-se em escondê-las de seus alunos – os elementos organizadores do que parece ser um estado de angústia. Os cuidados com a técnica dos cortes vão tendo cada vez mais atenção. Em seguida, ao parar de se escarificar, surgem as tatuagens, sempre marcando um momento preciso e resignificando: a tatuagem que selava um compromisso agora é escondida; a fuga da casa do pai e retorno para a cidade onde morava antes é entendido como a volta para a casa de uma mãe que queria interná-la. Eis como a constelação de suas marcas vai se organizando, seu próprio corpo transmutado em um coração vodu de uma personagem de poemas. Beatriz parece colocar em questão uma hipótese que concerne o caráter radicalmente relativo da sublimação: sublima-se sempre em direção a algo – no que diz respeito ao objeto – mais valorizado aos olhos de quem sublima. Mas de onde viria o juízo de valor se não da sociedade? Mais uma vez, o jogo entre identidade e sociedade, entre singularizar-se e inscrever-se... Talvez seja o caráter simbolizante da sublimação que se apresenta.

## À guisa de conclusão

Discutimos brevemente algumas formulações psicanalíticas sobre as marcas corporais, ressaltando as possibilidades que seu estudo apresenta para a compreensão da subjetividade hoje. Após essa discussão, buscamos apresentar a problemática da noção de sublimação na psicanálise. Por um lado, esta noção é crucial para a compreensão da cultura e dos fenômenos que não se apresentam diretamente como sexuais. Por outro, ela é uma noção pouco desenvolvida por Freud que, ao ser tomada por outros autores, esbarra em um sem-número de contradições e dificuldades. Não obstante, achamos que é possível articular conceitualmente a noção de sublimação com o fenômeno das marcas corporais, notadamente a partir da ideia de reconstrução constante do eu e de autossacrifício sublimatório.

Essa análise só é possível com dois movimentos concomitantes. Por um lado, reconhecer que a sublimação, como destino pulsional, realiza uma maior quantidade de trabalho psíquico que a arte de museu ou o trabalho. Por outro, colocar em questão uma dinâmica que considere que o processo sublimatório, aos olhos do próprio sujeito, instaura uma forma de valorização a partir do olhar outro, ou seja, se baseia em um conjunto de valores socialmente definidos.

A lógica da economia psíquica das marcas corporais pode ser entendida à luz da noção de sublimação, por mais problemática que esta possa ser em termos teóricos e metapsicológicos. Assim, a escolha desta noção como ponto de apoio para nossa análise do fenômeno das marcas corporais se justifica quando, ao pensarmos o lugar ocupado pela sublimação no edifício teórico psicanalítico, temos um caminho que leva do indivíduo ao social. Traz-se à tona, então, a função libidinal das marcas corporais em um processo de complexificação da relação entre si e a alteridade. Este árduo processo de socialização fica exemplificado pela instauração gradual de um circuito pulsional em que o olhar do outro é convocado por sinais inscritos na própria pele, esta linha de fronteira que ao mesmo tempo delimita o eu corporal freudiano e uma superfície de inscrição da identidade. Temos, então, a *ruse* da civilização, a libra de carne que se paga para que o reconhecimento possa ter lugar.

Poderíamos levantar outros tantos elementos presentes na prática das marcas corporais: a importância do olhar do outro e de si mesmo sobre o próprio corpo, remetendo diretamente à construção do laço social; o papel da dor na economia psíquica e na formação desses mesmos laços sociais; a ideia de ritual e performance, remetendo

diretamente à noção de sacrifício proposta por de Mijolla-Mellor; a importância simbólica – como categoria lacaniana – que as tatuagens adquirem como organizadores da imagem corporal e da própria identidade. Cada um desses temas poderia se desdobrar em um novo projeto de pesquisa.

Muito se discutiu, nas tradições filosóficas, literárias e psicanalíticas, sobre o estatuto do corpo e a sublimação ainda é um problema em aberto. O estudo psicanalítico das marcas corporais sob a chave do processo sublimatório permite retomar, no entanto, aquilo que Longino (1996) disse há muito sobre o sublime na retórica: “Ora, o *pathos* participa do sublime, à mesma medida que o *ethos* participa do prazeroso”. Dor e prazer, singularidade e pertença, de maneira bem psicanalítica, com suas fronteiras esgarçadas.

## Referências

- CARVALHO, A. (2003). *A poética do suicídio em Sylvia Plath*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- \_\_\_\_\_. (2006). Limites da sublimação na criação literária. *Estudos de psicanálise*, nº 29, pp. 15-24.
- COSTA, A. (2003). *Tatuagem e marcas corporais*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- CRUXÊN, O. (2004). *A sublimação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- DE MIJOLLA-MELLOR, S. (2005). *La sublimation*. Paris: Puf.
- \_\_\_\_\_. (2009). *Le choix de la sublimation*. Paris: Puf.
- FERNANDES, M. H. (2003). *Corpo* (“Coleção Clínica Psicanalítica”). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- FRANÇA NETO, O. (2007). *Freud e a sublimação*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- FREUD, S. (1923/1974). O ego e o id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1927/1974). O mal-estar na cultura. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- JEUDY, H.-P. (1998/2002). *O corpo como obra de arte*. São Paulo: Estação Liberdade.
- LAPLANCHE, J. (1989). *Problemáticas, III: a sublimação*. São Paulo: Martins Fontes.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1967/2007). *Vocabulaire de la psychanalyse*, 5 ed. (“Coleção Quadrige”). Paris: Puf.
- LE BRETON, D. (1999/2003). *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papirus.
- LÍRIO, D. R. (2007). *Suspensão corporal e algumas implicações intersubjetivas*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LONGINO. (1996). *Do sublime*. São Paulo: Martins Fontes.
- MAUSS, M. (1935/2003). As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- METZGER, C. (2008). *Derivações da sublimação em Freud*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- REISFELD, S. (2005). *Tatuajes, uma mirada psicoanalítica*. Argentina: Paidós.
- SILVA JR., N. (2003). A sombra da Sublimação. O imperialismo da imagem e os destinos pulsionais na contemporaneidade. *Revista de Psicanálise Psyche*, São Paulo, v. VII, n. 1, p. 29-39, 2003.
- (2006). A gramática pós-moderna da perversão e sua clínica psicanalítica. In: MILNITZKY, F. (org.). *Desafios da clínica psicanalítica na atualidade*. Goiânia: Dimensão.
- SILVA JR., N.; DOUCET, C.; GASPARD, J.-L.; CARVALHO, S. & GOMES, L. (2009). A narrativa do destino e a função identitária do corpo na modernidade. *A Peste*, vol. 1, nº 1.

*Recebido em 20/11/2011; Aprovado em 15/2/2012.*